



A PARTICIPAÇÃO FEMININA EM EQUIPES DE COMPETIÇÃO ACADÊMICAS: REFLEXÕES A PARTIR DO CASO DA ESCOLA DE ENGENHARIA DA UFF

DOI: 10.37702/2175-957X.COBENGE.2023.4593

Maria Eduarda Trindade Tayt Sohn - mariatayt@id.uff.br
Universidade Federal Fluminense

Victoria de Souza Cordeiro da Silva - victoria_c@id.uff.br
Universidade Federal Fluminense

Cláudia Aparecida da Conceição Silva - claudiaconceicao@id.uff.br
Universidade Federal Fluminense

Bianca Bueno Marinho Corrêa - biancabueno@id.uff.br
Universidade Federal Fluminense

Fabiana Rodrigues Leta - fabianaleta@id.uff.br
Universidade Federal Fluminense

Resumo: *A falta de equidade de gênero na área de Engenharia é um dos desafios para se alcançar o desenvolvimento sustentável. Neste contexto torna-se importante pensar em ações que possibilitem atrair e reter mulheres nos cursos de Engenharia. Uma possibilidade interessante consiste nos projetos envolvendo equipes de competição acadêmicas que, por se configurarem como espaços de estágio em engenharia, tornam-se importantes para a formação dos discentes e redução da evasão escolar. O presente artigo visa analisar o cenário feminino nas equipes de competições da Universidade Federal Fluminense (UFF), com foco particular nas equipes que participam das competições da Sociedade de Engenharia Automotiva Brasil, a fim de identificar os principais motivos pelos quais o número de participantes ainda é reduzido e propor ações de estímulo.*

Palavras-chave: *equidade de gênero, equipes de competição, mulheres, extensão, engenharia*

A PARTICIPAÇÃO FEMININA EM EQUIPES DE COMPETIÇÃO ACADÊMICAS: REFLEXÕES A PARTIR DO CASO DA ESCOLA DE ENGENHARIA DA UFF

1 INTRODUÇÃO

A Universidade Federal Fluminense (UFF) se destaca como uma instituição de ensino superior que possui um número significativo de equipes de competição acadêmica na área de engenharia, que participam de eventos nacionais e internacionais. No entanto, por um longo período, essas equipes foram predominantemente lideradas por homens, e o número de mulheres envolvidas nessas atividades permaneceu significativamente reduzido. Isto é um reflexo do que se observa no perfil dos alunos de graduação nas áreas de estudos de exatas e engenharias, ambientes tradicionalmente dominados por homens, onde ainda é baixa a presença feminina, o que desperta preocupações devido à persistente desigualdade de gênero nos dias atuais.

As competições de engenharia trazem benefícios aos estudantes, como a oportunidade de: aplicar seus conhecimentos, adquirir experiências práticas e desenvolver diversas habilidades, o que ajuda a prepará-los para os desafios do mercado de trabalho.

A SAE (*Society of Automotive Engineers*) é um dos destaques neste campo, promovendo a formação e o desenvolvimento dos estudantes nas áreas de engenharia, principalmente nas áreas automotiva e aeronáutica. No geral, essas competições envolvem desafios em que as equipes projetam e constroem sistemas relacionados à mobilidade. Alguns exemplos dessas competições são o Baja SAE, Fórmula SAE e Aerodesign SAE. Exclusivamente no âmbito internacional tem-se a NASA que promove o *Human Exploration Rover Challenge*. E no Brasil destacam-se ainda a competição de barcos Solares e a mostra brasileira de foguetes.

A oferta destas oportunidades vem estimulando a formação dos alunos, por meio de um ambiente de troca e aprendizado pautado no desenvolvimento de projetos que são avaliados a partir de competições.

Refletir sobre a participação feminina neste contexto torna-se importante, tendo em vista se configurar em um espaço de estágio em engenharia, ao propiciar uma experiência profissional, sendo, portanto, essencial para a formação dos discentes e consequentemente para o desenvolvimento da sociedade. A presença de mulheres nesse campo tem sido uma luta contínua, considerando a ainda baixa representatividade que possuem.

Apesar dos avanços significativos das últimas décadas, a desigualdade de gênero nas equipes de competições da Universidade Federal Fluminense, assim como em cursos de engenharia e exatas, permanece significativa. Como resultado, as mulheres enfrentam obstáculos maiores para se destacarem ou permanecerem nesses ambientes, que historicamente não foram favoráveis à sua participação. Desse modo, é crucial assegurar

que essas oportunidades estejam acessíveis e inclusivas para todos os estudantes de engenharia, sem distinção de gênero.

Neste sentido, muitos projetos e ações vêm sendo desenvolvidos por grupos, envolvendo alunos e professores, nas instituições de ensino superior com o objetivo de alcançar a tão esperada equidade de gênero na área de Engenharia. Podem ser citados alguns trabalhos recentes. Freitas et al. (2022) apresentam ações de extensão desenvolvidas pelo PET Elétrica na UFES, visando desmistificar a engenharia para mulheres para “alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”. Fernandes et al. (2022) apresentam um projeto de extensão na mesma linha, buscando estimular mulheres a ingressar e permanecer nas áreas de STEM²D: Ciência, Tecnologia, Engenharia, Matemática, Manufatura e Design. Também na linha de STEM, Prates et al (2021) relatam as ações do grupo WIE UFBA (Women in Engineering UFBA), que através de projetos visam fortalecer e incentivar mulheres para esta área. Já o projeto de extensão Mulheres em STEM²D, criado no ITA em parceria com uma empresa privada, busca dentre outros objetivos “apoiar as alunas do ITA no desenvolvimento de habilidades técnicas e sociais a fim de engajá-las e reter talentos” (LARANJA et al, 2021).

Em comum ao presente artigo, tem-se o objetivo de estimular e reter alunos nos cursos de Engenharia e similares, através de ações de extensão. As atividades de equipes de competição estudantil são enquadradas como extensão universitária, e neste artigo apresenta-se uma reflexão sobre a efetiva participação feminina nas equipes, que se dá de forma espontânea, diferente das ações de extensão citadas anteriormente. Pergunta-se: não seria interessante ampliar esta participação por meio ações coordenadas de estímulo?

Neste contexto, o presente artigo visa analisar o cenário feminino nas equipes de competições da Universidade Federal Fluminense (UFF), com foco particular nas equipes que participam das competições da Sociedade de Engenharia Automotiva Brasil, a fim de identificar os principais motivos pelos quais o número de participantes do sexo feminino ainda é reduzido e propor ações de estímulo. Além disso, busca-se identificar os desafios enfrentados por essas mulheres e as possíveis causas que impedem o aumento da representatividade, contribuindo assim para um ambiente mais igualitário tanto nas equipes de competição quanto na futura trajetória profissional das engenheiras.

2 EQUIPES DE COMPETIÇÃO ACADÊMICAS

As equipes de competição acadêmicas consistem em grupos universitários que executam um projeto seguindo um regulamento específico, desde a concepção até a fabricação para participação de competições a nível nacional, e eventualmente internacional. Entre os desafios, destacam-se categorias diversas como aerodesign, veículos de fórmula - seja de motor a combustão ou motor elétrico - e veículos off road. A ideia principal é incentivar os alunos de engenharia a colocar em prática o conhecimento adquirido em sala de aula, na elaboração de um projeto técnico. Embora tenham como objetivo a realização de um projeto prático, as equipes em sua maioria se organizam

através de células técnicas responsáveis pela elaboração do projeto em sua parte prática, e administrativas, responsáveis pela organização da equipe.

Em sua maioria, as equipes acadêmicas da Universidade Federal Fluminense participam de competições desenvolvidas pela SAE Brasil (Society of Automobile Engineers). Tais competições destacam como objetivos a aplicação dos aprendizados acadêmicos em um projeto prático, intercambiabilidade de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades interpessoais como trabalho em equipe, assim contribuindo para a formação de profissionais capacitados nas diversas áreas (SAE BRASIL).

Tais objetivos se refletem na estrutura e finalidade das equipes de competição da Universidade Federal Fluminense, desta forma, estas atuam como agente facilitadores da aprendizagem nos cursos de graduação das áreas STEM (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática), uma vez que na idealização e consolidação dos projetos os alunos têm a oportunidade de trocar saberes, aplicar conhecimentos e desenvolver e aprimorar habilidades interdisciplinares, através do desenvolvimento de um projeto de Engenharia.

Tomando por base Sant'Anna e Versiani (2017), propõe-se uma análise acerca da importância das equipes de competição na aprendizagem e no contexto da preparação de profissionais mais capacitados.

Considerando o contexto do papel das equipes de competição no ensino através da prática, cabe destacar o educador Paulo Freire:

"A teoria sem prática vira 'Verbalismo', assim como a prática sem teoria, vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade."
(FREIRE, 2001).

Neste cenário, as equipes de competição acadêmicas demonstram sua importância ao possibilitar uma aprendizagem que transcende os limites da sala de aula, alinhando a teoria à prática. Ademais, a participação de discentes dos cursos tecnológicos em equipes de competição de cunho acadêmico agrega conhecimentos técnicos e colabora para o desenvolvimento de *soft skills*, tais como liderança, trabalho em equipe, comunicação, resiliência, flexibilidade entre outras. Habilidades importantes para o contexto do mercado de trabalho, que nas últimas décadas vêm sendo cada vez mais valorizadas, além dos conhecimentos tecnológicos.

3 A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NOS CURSOS DE ENGENHARIA

É notória a diferença entre gêneros nos cursos de graduação voltados para áreas STEM, e em específico a engenharia, segundo dados do IBGE (2019), no ano de 2019 a porcentagem de mulheres matriculadas nos cursos de Engenharia e profissões correlatas no Brasil consistia em cerca de 20% da quantidade de discentes, reforçando um cenário de predominância masculina nas áreas de exatas.

[...] “A superação das diferenças entre homens e mulheres na engenharia requer o incentivo a estudos que possam focalizar os diversos aspectos das relações de gênero e da divisão sexual do trabalho que se estabelecem desde a experiência escolar e que perpassam o mercado de trabalho, incluindo as posições ocupadas nas mais altas hierarquias profissionais” (QUIRINO et al. 2018, p. 07)

Desta forma, a assimetria de gênero nos cursos de exatas pode ser entendida, principalmente como fruto de um padrão de delimitação sexual do trabalho que remonta o grande caminho percorrido pelas mulheres para a conquista de espaços que a princípio eram ocupados apenas por homens. Tais estereótipos se refletem não só no âmbito universitário, mas também, nas relações sociais e trabalhistas. Historicamente, as mulheres foram afastadas do círculo criativo e líder da produção científica e tecnológica (BAZZO e CABRAL, 2005, p. 04), as consequências deste afastamento podem ser observadas no mercado de trabalho. Pinho et al. (2017) destaca dentre os motivos desse afastamento a conciliação entre as jornadas profissional e doméstica das mulheres, que dificulta sua progressão na carreira, tendo em vista que a jornada média das mulheres nas atividades domésticas é mais que o dobro da jornada masculina.

Analogamente nas relações hierárquicas das equipes de competição acadêmicas da Universidade Federal Fluminense, observa-se também pouca representatividade feminina em papéis de liderança, e ademais estas encontram-se em sua maioria concentradas em células de cunho administrativo.

4- METODOLOGIA

Tendo em vista o papel essencial das equipes de competição acadêmicas na formação de profissionais mais qualificados, a participação de mulheres nestas equipes se mostra de extrema importância para o desenvolvimento destas enquanto profissionais que atuarão nas áreas de STEM.

Deste modo, cabe o debate acerca do desequilíbrio entre gêneros observado nas equipes de competição da Universidade Federal Fluminense. Entre os principais fatores analisados como possíveis causadores deste cenário, pode-se destacar a baixa adesão de mulheres aos cursos das áreas STEM, e ademais, à falta de representatividade uma vez dentro do ambiente acadêmico.

Deste modo, dá-se continuidade à pesquisa apresentada no artigo “Equidade de gênero: Desafios que persistem na Escola de Engenharia da UFF” (BERBERT et al. 2021), procura-se fazer uma reflexão acerca das causas e consequências da disparidade entre gêneros nos cursos de engenharias como um dos fatores responsáveis pela baixa adesão de mulheres às equipes de competição acadêmicas.

Para atingir tal objetivo, o presente artigo analisa a participação de mulheres na engenharia através da inserção delas em equipes que competem em modalidades organizadas pela SAE BRASIL na Universidade Federal Fluminense.

O estudo foi realizado na Escola de Engenharia da Universidade Federal Fluminense, do campus da Praia Vermelha em Niterói, por meio do levantamento de dados e depoimentos, envolvendo a participação feminina, a fim de compreender como se dá a inserção das mulheres nesses projetos de engenharia na atualidade. Assim, foi passado um questionário aos capitães de quatro equipes distintas da universidade: Faraday E-Racing (fórmula elétrico), Buffalo (fórmula combustão), Blackbird (aerodesign) e Tuffão (equipe baja). O conteúdo do arquivo, envolvia a sequência de perguntas a seguir:

1. Pensando em uma estimativa, quantos por cento de mulheres você acha que tem na equipe?
2. Há mais mulheres na parte técnica ou na parte administrativa da equipe?
3. Há mais mulheres ou mais homens na capitania de células?
4. Você, enquanto capitão de equipe, acha que a questão de gênero influencia na entrada e permanência em equipes de competição?
5. Você já presenciou algum tipo de sexismo dentro da equipe ou em competições?
6. Qual o perfil dos membros que vocês buscam para as células de modo geral, o gênero influencia neste quesito?
7. Qual curso predomina na sua equipe de competição?
8. Qual a idade média das mulheres da sua equipe?
9. Existe estímulo dentro da equipe para as mulheres crescerem e chegarem aos cargos mais altos?
10. Existe estímulo dentro da equipe para as mulheres crescerem e chegarem aos cargos mais altos?

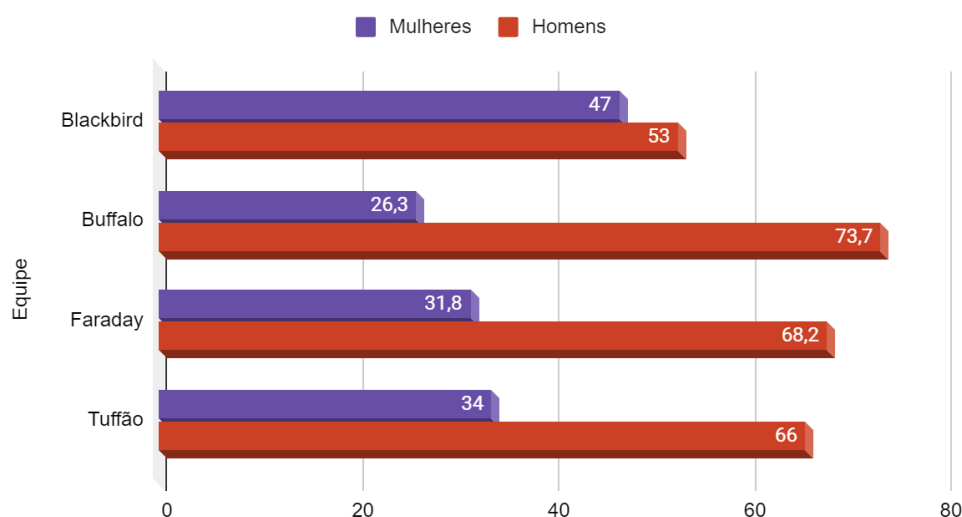
A coleta de respostas foi feita com objetivo de analisar os resultados obtidos dentro de cada equipe e observar se há alguma relação entre as respostas das participantes do estudo.

5- RESULTADOS

Inicialmente é importante trazer à tona o principal objetivo das equipes de competição universitárias. Sendo ele o desenvolvimento de hard skills e softs skills, assim proporciona uma melhor formação ao corpo discente que participa das mesmas. A pesquisa foi feita através de entrevistas com capitães e lideranças das equipes. Em análise descritiva dos dados coletados para identificar tendências e padrões gerais das equipes. Os três principais objetivos da pesquisa são a participação feminina nas equipes, liderança e área de atuação. Importante ressaltar que o levantamento de dados foi feito em abril de 2023. O principal objetivo do artigo é mostrar a realidade de hoje visando um futuro com mais equidade.

Gráfico 1 - Porcentagem de mulheres nas equipes.

Porcentagem de mulheres nas equipes



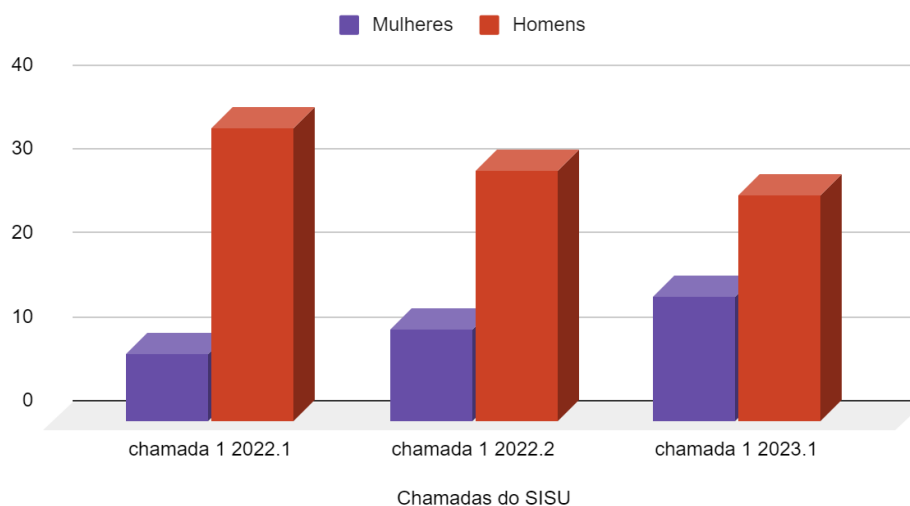
Fonte: autor

A participação feminina de forma quantitativa, ao observar o gráfico acima é possível notar a grande diferença entre membros do gênero feminino e masculino. O problema vem desde a inscrição e a entrada em cursos do STEM. Tornando o número de mulheres nos projetos de extensão apenas um retrato das salas de aula.

Dentre os cursos mais presentes nos projetos é unânime a forte presença dos alunos de Engenharia Mecânica. O curso é um dos mais tradicionais, além de ser um curso historicamente masculinizado, mas podemos analisar as nuances de um semestre para outro, num comparativo dos últimos três resultados da primeira chamada do SISU. “Nos cursos de graduação em engenharia, também vêm crescendo as matrículas femininas: correspondiam a 20% do total em 2005; giravam em torno de $\frac{1}{4}$ em 2010; e chegaram a 38% em 2013 (USP, 2012, 2013)” (LOMBARDI, et. al 2017).

Gráfico 2 - Ingressantes em Engenharia Mecânica através do SISU

Ingressantes em Engenharia Mecânica através do SISU

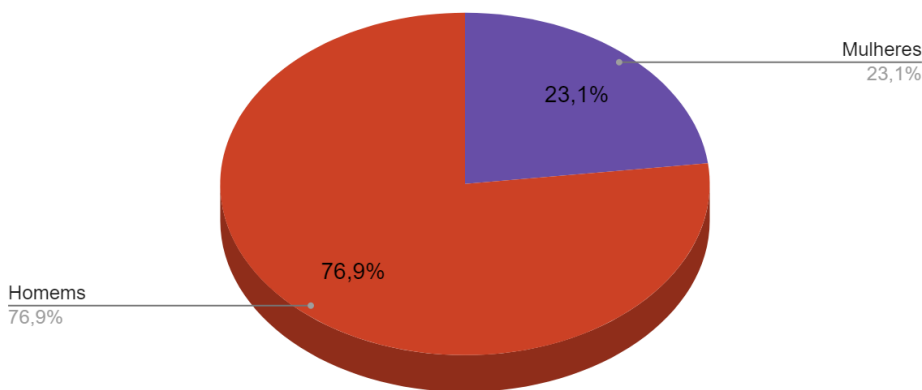


Fonte: autor

O gráfico acima mostra que nos últimos três o número de mulheres passando no curso têm tido um aumento significativo, e no mundo ideal visamos a equidade na entrada e acesso do curso de Engenharia Mecânica. Fazendo a medição comparativa podemos notar que as equipes são frutos de um sistema masculinizado, onde desde a entrada até os professores os números sempre se encontram distintos.

Gráfico 3 - Docentes do TEM

Docentes no TEM



Fonte: autor

Como é visto a questão da falta de mulheres no TEM (Departamento de Engenharia Mecânica), está além do número de possíveis discentes mulheres se inscrevendo para concorrer às vagas. O número escasso de pessoas do gênero feminino é um problema

estrutural da sociedade, onde cada vez que buscamos mais enxergamos a discrepância entre homens e mulheres.

"Essa situação postergou a ascensão feminina na academia e na pesquisa científica. Em 1990, na Escola de Engenharia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Tabak (2002) verificou que as docentes não ultrapassaram 10%. Dez anos depois, no início da década de 2000, apenas 10% do corpo docente da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo era composto de mulheres e existiam apenas duas professoras titulares (SAMARA; FACCIOTTI, 2004)"

Visando a questão da entrada e permanência das mulheres, algumas equipes citaram a influência do gênero ser alta na entrada, visto que há poucas mulheres que se inscreverem nos processos seletivos. Apesar dessa afirmação, *"vi um grande aumento não só das mulheres na equipe, mas também nos processos seletivos e em outras equipes no geral"*, disse Breno Britto capitão da Faraday E-Racing. Ou seja, o aumento de mulheres com interesse em equipes está crescendo e como foi dito também a sua participação na equipe. A idade é um fator importante, pois em todas as equipes a média é os vinte anos.

No quesito perfil dos membros nenhuma equipe apresentou preferência na questão de gênero, entretanto, o padrão é de maior participação feminina na gestão e masculina no técnico. Com exceção da Blackbird que a direção e capitania é feminina quanto são maioria na liderança de células (subdivisão feita para otimização e repartição do projeto geral). Quando se analisa que a maior parte das mulheres estão em células de gestão há o questionamento que, seriam as mulheres gestoras mais promissoras ou não recebem oportunidades no setor técnico?

"Dentro da própria equipe tivemos uma situação, onde um membro tinha algumas falas infelizes. Mas a equipe tem que lidar bem com a situação, porque pegamos um ambiente de amizade, onde todo mundo está confortável" Bruna Capitã da Blackbird.

A importância da participação feminina é a diminuição do preconceito com as mulheres nas equipes e em trabalhos técnicos, com o engajamento de mais mulheres trará um ambiente de fato mais igualitário e transformador tanto na engenharia quanto na fórmula SAE.

CONCLUSÃO

A partir dos resultados levantados relativos à participação feminina nas equipes, é notório que em todas existe uma disparidade, sendo a equipe de Aerodesign "Blackbird" a mais próxima de um cenário de equidade de gênero em projetos de engenharia. Destaca-se também, que a maioria das mulheres em duas das quatro equipes avaliadas estão alocadas em setores ditos administrativos como marketing, financeiro, recursos humanos,

etc. Isso implica em uma menor participação diretamente na parte técnica do projeto, que envolve conhecimentos específicos de software utilizados em engenharia como Solidworks, Ansys, XFLR5, dentre outros. É evidente que tais saberes seja em CAD ou mecanismos de análises utilizados nos projetos contribuem na formação profissional dos estudantes, tendo em vista que o desenvolvimento das ditas *hard skills* é essencial para inserção no mercado de trabalho (RABELLO, 2022).

Vale ressaltar que o fato das equipes de competição de fórmula e baja da Escola de Engenharia na UFF serem compostas em grande parte por alunos do curso de engenharia mecânica contribui por uma participação feminina reduzida, tendo em vista que é um curso majoritariamente masculino no Brasil. Ademais, apesar da baixa adesão, a questão de gênero em princípio não é levada em conta nos processos seletivos das equipes, sendo apenas aprovados aqueles com um perfil proativo que demonstram interesse em aprender, conforme as respostas obtidas. Embora não haja discriminação quanto à entrada das mulheres nas equipes da UFF, observa-se um direcionamento destas para atuação em células específicas que não envolvem conteúdos técnicos.

Entende-se que a redução da participação feminina nas equipes, em especial nos setores técnicos, poderia ser minimizada por meio de incentivo e estímulo às estudantes de engenharia a se envolverem ativamente nessas equipes. É claro que há uma correlação entre o percentual de discentes mulheres nos cursos de graduação de Engenharia e sua participação nestas equipes acadêmicas. Francisco, Furlan e Rizol (2023) apresentam uma análise do número de discentes visando uma análise da evolução da participação feminina nos cursos de engenharia no período de 2004 a 2019, destacando a baixa presença do gênero feminino nos cursos de Engenharia, embora haja um leve crescimento ao longo dos anos. Cerca de 30% dos universitários matriculados em 2019 são mulheres.

Entretanto, o destaque nas reflexões apresentadas neste artigo dizem respeito à relevância de ampliar a participação feminina em um campo de estágio profissional relevante para a formação das futuras engenheiras, independente da disparidade percentual das ingressantes nos cursos de Engenharia;

Apesar dos avanços feministas nos últimos anos, o machismo estrutural ainda está presente até mesmo nos ambientes universitários que buscam erradicar isso (KOHLE e IOSHIRA, 2017). Como relatado por algumas alunas, é perceptível que existem falas e situações que colocam as mulheres em situação desconfortável, inferiorizando-as de alguma forma. Tal mentalidade deve ser combatida no cenário estudantil, para que não perpetue futuramente e os homens não venham a reproduzir comportamentos machistas nos meios laborais.

As equipes de competição da UFF promovem inúmeros aprendizados aos membros participantes. Destarte, o depoimento da ex-capitã e atual diretora de projetos da equipe "Tuffão" ratifica que a sua participação em cargos de liderança teve grande impacto no seu desenvolvimento pessoal e profissional, tendo em vista que ela utiliza das habilidades adquiridas em seu estágio atual. Assim como, outras alunas de células técnicas relatam que sua participação em uma equipe proporcionou ascensões de conhecimentos complexos de softwares, projetos, fabricação e aprimoramento do raciocínio lógico para

solucionar problemas, sendo justamente o que a engenharia faz (PORTAL DA INDÚSTRIA, 2023). Isto posto, é de suma importância a inserção feminina em cenários práticos e profissionalizantes na engenharia, sendo uma dessas formas, a participação em equipes de competições presentes na Escola de Engenharia da Universidade Federal Fluminense.

AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao MEC-SESu pelo apoio financeiro através do Programa de Educação Tutorial. Agradecem ainda às equipes de competição acadêmica da Escola de Engenharia da UFF pelo apoio na realização da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BERBET, Victória Azeredo, et al. Equidade de gênero: Desafios que persistem na Escola de Engenharia da UFF. **Anais do XLIX Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia**. 2021.

FERNANDES, Paula Cristina Gomes et al. Projeto Mulheres em STEM²D: Objetivo e Metodologia Empregada na Consolidação da Rede de Mulheres em STEM. **Anais do XLV Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia**. 2021.

FRANCISCO, Bruna Camila, FURLAN, Isabela Lopes, RIZOL, Paloma Maria Silva Rocha. Análise da Participação Feminina nos Cursos de Engenharia entre os Anos de 2004 e 2019, **Anais do L Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia**. 2022.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREITAS, et al. Inclusão e Permanência de Mulheres na Engenharia: Ação de Extensão Programa de Educação Tutorial em Engenharia Elétrica da UFES. **Anais do XLV Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia**. 2021.

KOHLER, Luiz Otávio; IOSHIURA, Maria Júlia. Machismo no curso de Engenharia Mecânica: Verdade ou mito?. **Anais dos Encontros Nacionais de Engenharia e Desenvolvimento Social**-ISSN 2594-7060, v. 14, n. 1, 2017.

LARANJA, Sophia Rodrigues et al.. Projeto Mulheres em STEM²D e a Implementação de Oficinas Experimentais: Metodologias Adaptadas durante a Pandemia da COVID-19. **Anais do XLV Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia**. 2021.

PINHO, Ana Carolina de Mello et al. Análise de Equidade de Gênero: Estudo de Caso na Escola de Engenharia da Universidade Federal Fluminense. **Anais do XLV Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia**. Joinville, 2017.

PORTAL DA ENGENHARIA. Engenharia e sua Importância para o Crescimento do Brasil. **Portal da indústria**, [s.d.]. Disponível em: www.portaldaindustria.com.br/industria-de-a-z/engenharia/. Acesso em: 15 de abr. 2023.

PRATES, Moira Bastos et al. A Inclusão de Gênero no Ambiente Universitário por meio do IEEE Women in Engineering UFBA. **Anais do XLV Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia**. 2021.

RABELLO, Guilherme. HARD SKILLS: O que é, exemplos e como desenvolvê-las. **Siteware**, © 2022. Disponível em: www.siteware.com.br/gestao-de-equipe/hard-skills/. Acesso em: 15 de abr. 2023.

SANT'ANNA, Antonio Genilton; VERSIANI, Ângela França. **Aprendizagem nas práticas de uma equipe de competição de engenharia**. Revista de Ensino de Engenharia, v. 38, n. 2, 2019.

LOMBARDI, Maria Rosa. "Por que são tão poucas?: um estado da arte dos estudos em "Engenharia e gênero". Geledes, 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/por-que-sao-tao-poucas-um-estado-da-arte-dos-estudos-em-engenharia-e-genero/>. Acesso em: 07 de jul. 2023.

PROFESSORES. **Departamento de Engenharia Mecânica UFF**, ano não informado. Disponível em: https://tem.uff.br/?page_id=380. Acesso: 09 de jul. 2023.

SAMARA, Eni Mesquita; FACCIOTTI, Maria Cândida Reginato. **Mulheres politécnicas: histórias e perfis**. São Paulo: Edusp, 2004. Acesso: 09 de jul. 2023.

WOMEN PARTICIPATION IN ACADEMIC COMPETITION TEAMS: REFLECTIONS BASED ON THE CASE OF THE UFF SCHOOL OF ENGINEERING

Abstract: *The lack of gender equity in the Engineering area is one of the challenges to achieving sustainable development. In this context, it is important to think about actions that make it possible to attract and retain women in Engineering courses. An interesting*

possibility consists of projects involving academic competition teams that, as they are configured as spaces for internships in engineering, become important for the training of students and the reduction of school dropouts. This article aims to analyze the female scenario in the competition teams of the Universidade Federal Fluminense (UFF), with a particular focus on the teams that participate in the competitions of the Sociedade de Engenharia Automotiva Brasil, in order to identify the main reasons why the number of participants still is reduced and propose stimulus actions.

Keywords: *gender equality, competition teams, women, extension, engineering.*